

Banqueiro prevê dias negros com calote

Se Luís Inácio Lula da Silva for eleito presidente da República, "o Brasil viverá dias negros e difíceis", previu ontem o presidente do grupo Bamerindus, José Eduardo de Andrade Vieira, partidário de Fernando Collor de Mello desde junho. Ele fundamenta sua afirmação no tratamento que Lula pretende dar à dívida externa: "Do jeito que o candidato do PT quer solucionar o problema da dívida externa, dando o calote, ele inviabilizaria qualquer programa econômico de estabilização interna, pois o País ficaria sem os recursos necessários para o seu crescimento".

Andrade Vieira não conhece a fundo a solução apontada por Collor para a dívida externa e achou "uma besteira" a proposta

inicial do candidato, de retirar o aval do Tesouro à dívida dos estados e municípios. Em todo caso, "colloriu" quase na primeira hora e até injetou alguns recursos — não revelou a quantia — na campanha do PRN.

Já o presidente da Associação Nacional das Câmaras de Comércio Americanas no Brasil, Robert Christopher Lund, também presidente do Grupo Lund Editores Associados, disse ontem que os empresários do setor exportador não estão esperando nenhuma medida muito diferente, de Lula ou Collor, daquelas que são aplicadas hoje. Aliás, ele chamou a atenção para o fato de que os assessores econômicos dos dois candidatos defendem muita coisa em comum.

"Pode haver alguma diferença de ênfase num setor ou outro, mas qualquer um dos dois terá de continuar estimulando as exportações."

Ontem, em Goiânia, o futuro presidente da Volkswagen do Brasil, Miguel Carlos Barone, que toma posse em 1º de janeiro, voltou a garantir que a empresa vai investir no País US\$ 600 milhões nos próximos dois anos, "independente deste ou daquele vencedor no segundo turno".

O presidente retirante da Volks, Heinz Gundlach, tem uma sugestão ao novo governo: "Esse país precisa reabrir também a exportação de produtos industrializados. E para que isso possa acontecer, é necessária uma política de câmbio único, livre".